

ENTRE O ADAPTAR E O INCLUIR: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

BETWEEN ADAPT AND INCLUDE: AN INTERDISCIPLINARY APPROACH TO THE COURSE OF ADAPTED PHYSICAL EDUCATION

Calixto Junior de Souza

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia - Câmpus Inhumas

RESUMO: Este estudo tem a intencionalidade de levantar, analisar e cotejar como se estrutura a disciplina de Educação Física Especial ou Educação Física Adaptada nos cursos de Educação Física e de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD). Tendo como cerne uma análise documental do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e como protagonistas os discentes que fizeram essa disciplina nos respectivos cursos. Além disso, constata-se que os cursos analisados carecem de uma interdisciplinaridade em que a disciplina de Educação Física Especial assume o papel de mediadora do processo de inclusão, haja vista a insuficiente carga horária e a incoerente alocação dessa disciplina. Portanto, é preciso que seja repensado o papel de mediação da disciplina de Educação Física Especial ou Adaptada como protagonista do processo de inclusão escolar e como cerne de um movimento que permita a inclusão de outras disciplinas nesse processo.

PALAVRAS-CHAVES: Currículo. Educação física adaptada. Inclusão Escolar.

ABSTRACT: This study has the intention to raise, analyze and collate how to structure the discipline of Special Physical Education or Adapted Physical Education in the courses of Physical Education and Pedagogy at the Faculty of Education of the Federal University of Grande Dourados (FAED /UFGD). Having as core a documentary analysis of the Pedagogical Project Course (PPC) and the students as protagonists who have made this discipline in their courses. Moreover, it appears that courses need to be analyzed interdisciplinarity in which the discipline Special Physical Education or Adapted Physical Education assumes the role of mediator in the inclusion process, due to the insufficient course load and inconsistent location discipline. Therefore, it needs to be re thought them ediating role of the discipline of Special Physical Education or Adapted protagonist of school inclusion process and as core of a movement that allows the inclusion of other disciplines in this process.

KEYWORDS: Curriculum. Adapted physical education. Educational Inclusion.

INTRODUÇÃO

O processo de inclusão escolar é uma constante busca por disseminar práticas inclusivas, faz-se necessário estudar como se constitui a formação inicial de professores em prol desse processo. Para tanto, urge a estruturação de uma formação pautada na construção de um professor inclusivo e reflexivo como forma de reconstruir a sua própria prática pedagógica perante a realidade dos alunos público-alvo da Educação Especial.

Partindo do pressuposto que os cursos de licenciatura devam primar pela formação de professores instigados com o processo de ensino e aprendizagem de todos os seus alunos, independente de serem alunos público-alvo da Educação Especial ou não, faz-se necessário repensar sobre o processo de formação inicial de professores. Para tanto, busca-se contribuir para que a diversidade humana e cultural que existe na escola possa ser valorizada e respeitada, sobretudo no que se refere ao desafio de atravessar os muros educacionais. Neste sentido, o foco deste estudo foi valorizar a construção do professor inclusivo nos cursos de licenciaturas.

Em Souza (2010), buscou comparação das grades curriculares dos cursos de licenciatura de um campus do interior da Universidade Federal de Goiás. Com um total de nove cursos de licenciatura, a saber, Letras, Pedagogia, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia e Educação Física; ofertados pela mesma universidade com vistas a mapear e problematizar se nesses cursos a disciplina de Educação Especial estava incluída ou excluída de sua matrizes e PPCs. Os resultados apontaram que na matriz curricular desses oito cursos de licenciatura não há nenhuma disciplina em seus eixos de Núcleo Comum e Núcleo Específico que abordassem a temática de inclusão.

Diante dessa situação, questionamos: como exigir que nossos professores estejam preparados para lidar, teórico-metodologicamente, com a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial se nem no âmbito de sua formação inicial estão sendo preparados para tal?

Acompanhando este dilema, vivenciado pelas licenciaturas em um contexto nacional, este trabalho contempla como problemáticas: será que os cursos de Educação Física e de Pedagogia

estão articulando nos seus projetos pedagógicos para formação de professores a inclusão de conhecimentos em prol do processo de inclusão escolar? Será que há a disciplina de Educação Física Adaptada (EFA) e esta aparece como mediadora do processo de inclusão escolar?

Cabe destacar que a disciplina de EFA tem a função de ministrar conteúdos específicos da área promovendo práticas que sejam adequadas para os alunos público-alvo da Educação Especial, essencialmente os que possuem deficiências. Como forma de prover pela participação dos mesmos nas aulas de Educação Física, de modo a permitir a permanência desses alunos em um contexto escolar no qual eles sempre foram excluídos e marginalizados. Ainda mais que na área de Educação Física é comumente exacerbada as práticas esportivas que fazem apologia ao esporte de alto rendimento no qual este se configura, muitas vezes, com práticas excludentes valorizando tão somente a vitória em detrimento de abordar a diferença das bases social, psicológica e biológica dos vários sujeitos que possuem particularidades dos demais.

De acordo com Mantoan (2003), isso pode levar a uma resistência do processo de inclusão escolar por parte do professorado não buscando adequar-se a nova realidade. Mediante isso, esperam uma receita pronta para trabalhar com os alunos público-alvo da Educação Especial, já que os futuros professores querem uma fórmula mágica para lidar com alunos com deficiência e/ou as dificuldades de aprendizagem como, por exemplo, a partir de aulas, manuais, regras transmitidas e conduzidas por formadores do mesmo modo que ensinam nas salas de aula. Segundo essa autora,

[...] ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do novo ensino, em todos os seus níveis (...) a inclusão não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um design diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional. (op. cit, p.81)

ENTRE O ADAPTAR E O INCLUIR: A ADAPTAÇÃO EM FOCO

O discurso de adaptação comumente propagado no âmbito da escola comum tem se tornado um imperativo para dissipar práticas pedagógicas com uma grande carga de imediatismo, ou seja, não possibilitando aos professores planejar conscientemente essas práticas com a finalidade de incluir os alunos público-alvo da Educação Especial e demais alunos. Dessa forma, as aulas são desprovidas de um acompanhamento das potencialidades dos alunos público-alvo da Educação Especial pelo fato do professorado não ser orientado sobre as especificidades e peculiaridade do alunado cabendo tão somente ser direcionadas para classes especiais ou multifuncionais.

Também são muito presentes no discurso legal e nas práticas pedagógicas propostas pelo curso de licenciatura, o conceito de adaptação curricular que está distante da mera ideia de “arranjo” nas atividades. Adaptação implica em rever o currículo, o conteúdo, a avaliação e não apenas a técnica.

No âmbito da Educação Física o termo adaptação está presente na cotidianidade das práticas esportivas, tanto é que a disciplina principal para abordar os conhecimentos pertinentes ao processo de inclusão escolar se chama Educação Física Adaptada, o que denota a valorização das práticas nas aulas desta área. Entretanto, percebe-se que a maioria dos discentes de Educação Física não concordou

com a utilização da adaptação nas aulas. Novamente podemos inferir que estão se referindo às adaptações somente no nível das técnicas e práticas.

Segundo a apostila do Ministério da Educação rotulada como Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais, é possível destacar que as adaptações curriculares são consideradas como pequeno porte e/ou de grande porte.

As adaptações curriculares de pequeno porte são rotuladas como não significativas e envolvem tão somente modificações simples na prática pedagógica por parte do professores com a intenção de incluir os alunos público-alvo da Educação Especial. Já as adaptações curriculares de grande porte são rotuladas como significativas por representar mudanças mais profundas no currículo envolvendo as instâncias superiores que programam o processamento desse currículo com a finalidade dele contemplar as necessidades de todo alunado, essencialmente para os alunos público-alvo da Educação Especial.

No tocante às adaptações que podem ser instrumentalizadas nas práticas do professorado, é preciso diferenciar duas formas: a não planejada e a crítica-conscientizadora. Uma adaptação não planejada é aquela em que o professor realiza de forma instintiva e muito ligada ao momento da efetuação da atividade, não considerando a individualidade do aluno e muito menos quais as situações que podem ser positivas para a inclusão do aluno. Factualmente tal adaptação poderá levar a vários momentos de exclusão pelo desconhecimento e descomprometimento com a inclusão escolar. Por outro lado, uma adaptação crítica-conscientizadora é aquela na qual o professor tem conhecimento de quais potencialidades do aluno podem ser exploradas no momento da inclusão. Isso perpassa pela estruturação do planejamento do professor envolvendo ações que possibilitem um espaço fecundo para trabalhar o respeito ao outro, o trabalho mútuo e também o espírito de coletividade.

Como já foi abordado, o trabalho pedagógico no cotidiano escolar é concebido de forma a abordar tão somente as adaptações curriculares de pequeno porte cuja atenção está na presteza e perspicácia de cada professor individualmente em conceber a inclusão dos alunos público-alvo da Educação Especial no ensino regular. Enquanto àquelas de grande porte, sempre demarcadas por fronteiras políticas, financeiras, ideológicas e culturais, ficam veladas por um currículo fechado e pré-moldado que pouco contribui para avançar em propostas afirmativas de inclusão escolar. Portanto, urge aliar as adaptações curriculares de pequeno e de grande porte com o intuito de construir reformas significativas e não significativas que relacionem a responsabilidade do sucesso do processo de ensino e aprendizagem perante todos os envolvidos na escola, dentre os quais destacam-se: diretor, coordenadoras, professores, alunos, funcionários, familiares e demais entes da comunidade escolar.

Nesse sentido, para além de uma postura imediatista de encarar o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e as práticas pedagógicas, este estudo concebe a realização de uma postura crítico conscientizado do propor a materialização do projeto de curso. Isso porque com essa última postura é possível construir um PPC que planeje coletivamente as necessidades do trabalho pedagógica, ao mesmo tempo que está antenado com as demandas por meio de competências do alunado. E por meio disso é possível construir uma prática pedagógica que realmente seja inclusiva e possa abarcar os alunos público-alvo da Educação Especial no processo de inclusão escolar.

Oliveira e Araújo (2012) afirmam que os discentes são influenciados pelos conhecimentos e saberes dos seus professores-formadores no tocante às pessoas com deficiência, pois em suas narrativas fica nítido que as suas práticas irão se materializar conforme foi lhes ensinado. Embora o discente demonstre autonomia e competência necessária para efetivar o processo de inclusão escolar, cabem aos professores formadores articular a disciplina de Educação Especial com conformidade com as potencialidades e necessidades dos alunos público-alvo da Educação Especial.

A disciplina de Educação Especial como, principalmente a disciplina de Educação Física Adaptada, poderiam possibilitar práticas com os alunos público-alvo da Educação Especial mediante a vivência dos esportes paraolímpicos com adequação ao âmbito escolar, modificando regras e possibilitando mudanças para adequar às necessidades desses alunos.

UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DA DISCIPLINA DE EFA

Na atualidade a disciplina de Educação Física Adaptada (EFA) tem-se tornado uma importante mediadora para o processo de inclusão no universo de Educação Física, cujo objetivo da EFA é o de possibilitar a difusão de fundamentos teórico-práticos dos vários conhecimentos que compõem a área de Educação Física desde a saúde, o lazer até a escola.

Importante destacar que a partir do momento que se escolhe uma abordagem EFA, isso não anula o seu caráter disciplinar, pois essa abordagem parte do pressuposto da interação de duas ou mais disciplinas, ao mesmo tempo em que contempla esse caráter. Com isso, coaduna-se com Lenoir (2012) no sentido de conceber que a perspectiva interdisciplinar não é contrária à perspectiva disciplinar, pois uma complementa a outra.

Neste contexto, urge uma formação inicial que possa valorizar a importância dessa disciplina no contexto da matriz curricular, cuja intencionalidade é permitir uma formação pautada na diversidade e na inclusão. Nessa perspectiva, urge uma formação que possa valorizar práticas colaborativas como forma de cunhar uma abordagem interdisciplinar do processo de ensino e aprendizagem.

Fazenda (2012) aponta que o primeiro passo para construir uma concepção interdisciplinar seria abandonar aquelas posturas prepotentes, unidirecionais e não rigorosas que não possibilitam um avanço no sentido de encarar o novo com outros olhares. Tal ponto de vista perpassa pela concepção de uma prática pedagógica que contemple a inclusão dos alunos público-alvo da Educação Especial e, por sua vez, o abandono de práticas que correspondem a um ensino tradicional que reproduz métodos e modelos que não abarcam essa inclusão.

Sobre o conceito de interdisciplinaridade, os autores Fazenda, Trindade, Miranda e Yared (2008) são unânimes em destacar que este conceito é um pensamento inovador de encarar a prática pedagógica no sentido de justificar a união colaborativa de duas ou mais disciplinas. Tais disciplinas não terão um aspecto unificado que circunscreve objetivos próprios, mas sim irão compartilhar objetivos que terão um papel determinante para justificar a colaboração entre as várias disciplinas com o intuito de abarcar a totalidade do saber.

Considerando que o currículo é um processo bem como uma construção coletiva intimamente ligada às experiências do professorado no trato da prática enquanto intervenção e

movimento em construção (Sacristán, 2000), faz-se necessário atribuir uma valorização à disciplina de EFA na matriz curricular como forma de reconhecer como se processa a sua articulação com as demais disciplinas. Para esse autor, o currículo é uma práxis que se reflete na prática, pois além de planejado ele também é avaliado coletivamente pelos pares envolvidos no processo.

Cabe ressaltar que muitos estudos como Vitaliano e Manzini (2010), Bueno (1999), Krug e Silva (2008), dentre outros, denunciam a falta de preparação do professorado para lidar com os alunos público-alvo da Educação Especial, especialmente aqueles que possuem deficiências severas. Posto isto, há uma ausência de estudos que façam uma contextualização nacional, com interfaces com a área de Educação Especial, nos cursos de licenciatura, pois serão estes que irão formar futuros professores engajados em atuar na educação desses alunos.

A figura do professor, enquanto sujeito de mediação do processo de ensino e aprendizagem, assume o papel de condutor em prol de um processo de ensino que não se limite em somente assimilar o que é posto e reproduzir uma prática desvinculada da realidade do grupo com alunos público-alvo da Educação Especial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, em virtude da insuficiência de carga horária, a disciplina de EFA, necessita ir além do acesso de uma disciplina isolada no currículo dos cursos de Pedagogia e de Educação Física, isso porque somente a presença de uma disciplina comprometida no processo de inclusão escolar não parece suficiente para a concretização desse processo. Diante essa perspectiva, cabem às instituições de ensino superior repensarem sobre a configuração e figuração dos recursos humanos e materiais que estão investindo na disciplina de EFA enquanto componente obrigatório e pertencente à área de Educação Especial e em prol da inclusão escolar com a finalidade de formação futuros professores para serem agentes do processo de inclusão escolar.

Neste contexto, se na formação inicial e continuada o professor não teve nenhuma disciplina relacionada com a inclusão como, por exemplo, a Educação Física Especial ou Educação Física Adaptada, isso irá acentuar o desmantelamento de práticas inclusivas em suas aulas. Portanto, tais práticas não almejarão incluir os alunos com NEE no âmbito da prática pedagógica, relegando-os a ficarem à margem do processo de ensino e aprendizagem.

Relacionando este filtro para ambientes segregados com a área de Educação Física, tal relação se torna um pouco mais agravante, e por que não tendenciosa. Isso porque, muitas práticas remetem a ressaltar valores que enaltecem a exclusão e a não valorização do outro, das quais muitas delas não são perceptíveis a sensibilidade do professor.

Diante do exposto, torna-se cada vez mais imperativo uma formação inicial que possa valorizar a diversidade e a inclusão por meio de práticas interdisciplinares. Portanto, adotando-se uma abordagem interdisciplinar do saber, é preciso criar pontes de conhecimento por meio de um trabalho colaborativo, com vistas a amenizar as lacunas de um sistema educativo que enaltece a individualidade em detrimento de prezar pela coletividade.

REFERÊNCIAS

- BUENO, J. G. S (1999). Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalista ou especialista. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, 3(5), 07-25.
- FAZENDA, I. (2008). Interdisciplinaridade- transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In I. Fazenda. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez.
- FAZENDA, I. (2012). A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In I. FAZENDA. *Didática e interdisciplinaridade*. (17 ed). Campinas: Papirus.
- LENOIR, Y. (2012). Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In I. FAZENDA. *Didática e interdisciplinaridade*. (17 ed). Campinas: Papirus.
- Krug, H. N. & Silva, M. S. (2008). A formação inicial de professores de educação física e de pedagogia: um olhar sobre a preparação para a atuação nos iniciais de ensino fundamental. *Revista Digital*- Buenos Aires. Ano 13- nº 123. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd123/a-formacao-inicial-de-professores-de-educacao-fisica-e-de-pedagogia.htm>>. Acesso em 22 de maio de 2012.
- Mantoan, M. T. E (2003). *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna.
- Oliveira, A. P. T. M & Araújo, C. M. (2012). A formação de professores para a Educação Inclusiva: Um olhar sobre os saberes docentes do professor-formador. In: *35ª Reunião Anual da Anped*.
- Sacristán, J. G. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. (3 ed). Porto Alegre: Artmed.
- Souza, C. J. (2010). *Licenciaturas e a exclusão da inclusão: um olhar sobre os PPCs*. In: VII CONPEEX, Goiânia (p. 7644 – 7648). Anais do Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão- CONPEEX.
- Trindade, D. F (2008). Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. In I. Fazenda. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez.
- Vitaliano, C. R.; Manzini, E. J (2010). A formação inicial de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. In C.R. Vitaliano (Org.). *Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais* (p. 50- 112). Londrina: Eduel.
- Yared, I (2008). O que é interdisciplinaridade. In I. Fazenda. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

CALIXTO JUNIOR DE SOUZA

Doutorando em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados e licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é técnico-administrativo no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia - Câmpus Inhumas onde atua nos Grupos de Pesquisas: Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (NEPEINTER) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências (NEPEC). calixtojr_ufg@yahoo.com.br

Manuscrito recebido em 10 de março de 2014

Manuscrito aprovado em 14 de maio de 2014